

# Uma lógica do passado

por Carlos Cardoso (AIM)

N. 26/10/84

11NR em Portugal

Num artigo publicado na última edição do jornal «Domingo», recordei um argumento que apareceu recentemente nalguma imprensa portuguesa, argumento esse que explicaria a presença de representantes do banditismo armado em Portugal e o envolvimento de pessoas e forças portuguesas em todo o fenómeno do banditismo.

O argumento era este: o Acordo de Nkomati abre caminho para uma normalização das relações entre Moçambique e a África do Sul, reduzindo substancialmente o leque de relações económicas e comerciais de Moçambique com Portugal.

Logo, o importante seria emperrar o máximo possível toda a engrenagem de Nkomati.

Nesse artigo, disse que tal argumento era tipicamente colonial, na medida em que pressupõe um Moçambique disposto a deixar as suas relações externas serem hegemónicas pela África do Sul.

Mas, para as mentalidades coloniais que ainda subsistem nalguns círculos políticos em Portugal, o argumento tem uma base histórica muito concreta.

Mesmo quando 250 mil portugueses representavam em Moçambique o suporte social do colonialismo, mesmo, portanto, quando Moçambique fazia parte do império colonial português, era sul-africana a parte mais importante da dominação económica em Moçambique. Dedução: se era assim no tempo colonial, hoje pior seria.

Mas Moçambique, nessa altura, não era independente. Por outras pala-

bras, era o poder colonial português o principal responsável pelo grau de dominação económica que a África do Sul conseguiram em Moçambique.

O atraso global de Portugal impôs que esse país só conseguisse manter as suas colónias à custa de enormes concessões aos seus concorrentes. (E isso era visível até no terrível complexo de inferioridade que muitos portugueses em Moçambique tinham em relação aos sul-africanos brancos).

Em suma, era Portugal que permitia a hegemonização, pela África do Sul, das relações económicas de Moçambique com o exterior. Não era Moçambique, não eram os moçambicanos. Estes lutavam contra o colonialismo, e também contra a dependência económica crónica que se herdaria em relação à África do Sul.

Hoje, Moçambique tem relações extensas com dezenas de países, pluralidade essa pela qual lutou com tanto sacrifício, com o objectivo de construir o grau de soberania que hoje a RPM demonstra ter.

Acrescente-se mais um dado: Moçambique é membro fundador da SADCC, cujo objectivo central é precisamente a redução da dependência da região em relação à África do Sul.

Portanto, em termos actuais, o argumento posto a circular em Portugal não tem lógica. A sua lógica é, única e tristemente, a lógica do passado. É por isso, logicamente, a autocrítica de si própria na impiedade do tempo.